

Arte, Educação, Linguagem e Surdez: conexões e possibilidades

Mônica Moura Neves¹
Márcia Regina Castro Barroso²

Resumo

Se a arte expressa uma profunda relação do homem com o mundo, a partir do momento em que, além de atuar como canal simbólico, é capaz de unir o eu individual à coletividade, a linguagem, por sua vez, característica específica da espécie humana, exerce extrema influência na elaboração dos conteúdos inconscientes. Deste modo, a Arteterapia surge como um importante recurso terapêutico ou de intervenção na busca pessoal pela própria identidade e pela descoberta do conhecimento de si mesmo, visto que as imagens resultantes se encontram impregnadas de emoção, trazendo à consciência elementos ocultos. Sabemos que tanto a saúde quanto a educação consideram o sujeito como desejante e portador de uma subjetividade única e intransferível; logo, a Arteterapia, sob o termo Arte-Educação, pode também ser aplicada na área educacional, tendo em vista que, com o uso de técnicas expressivas, sejam elas plásticas ou corporais, é possível integrar o aprendizado emocional ao cultural. Sem pretensão de esgotar o tema, esta pesquisa bibliográfica investigará como o uso da arte junto ao aluno surdo (cuja perda auditiva afeta aspectos do desenvolvimento global, em especial, a comunicação e a aprendizagem) pode contribuir para um processo de escolarização prazeroso e significativo.

Palavras-chave: Arte. Surdez. Aprendizagem significativa.

Abstract

If art expresses a deep relationship between man and the world, from the moment that, in addition to acting as a symbolic channel, it is capable of uniting the individual self with the collectivity, language, in turn, a specific characteristic of

¹ Professora dos Anos Iniciais e de Atendimento Educacional Especializado; servidora concursada no município de Nova Iguaçu, atualmente lotada na Secretaria de Educação, no setor de formação continuada; Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da UNIGRANRIO, Pós-Graduação em Educação Especial Inclusiva e em Orientação Educacional e Pedagógica pela UCAM, Fonoaudióloga (CRFa 1 - 10059) e licenciada em Letras. Membro dos Grupos de Pesquisa: Estudos Interdisciplinares em Saúde, Trabalho, Educação e Sociedade (SATEDES) e Núcleo de Estudos em Linguagens, Práticas Educacionais e Digitais (NELPED).

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes - PPGHCA-UNIGRANRIO, Pós-doutorado e Doutorado em Sociologia (PPGSA-IFCS-UFRJ-Faperj), Mestrado em Sociologia e Direito (PPGSD-UFF), História (UFF), Ciências Sociais (UFRJ) e Psicóloga – CRP: 05/73483.

the human species, exerts an extreme influence on the elaboration of unconscious contents. In this way, Art Therapy emerges as an important therapeutic resource or intervention in the personal search for one's own identity and the discovery of self-knowledge, since the resulting images are impregnated with emotion, bringing hidden elements to consciousness. We know that both health and education consider the subject as desiring and bearer of a unique and non-transferable subjectivity; therefore, art Therapy, under the term Art-Education, can also be applied in the educational area, considering that, with the use of expressive techniques, whether plastic or body, it is possible to integrate emotional and cultural learning. Without intending to exhaust the theme, this bibliographic research will investigate how the use of Art with the deaf student (whose hearing loss affects aspects of global development, especially communication and learning) can contribute to a pleasurable and meaningful schooling process.

Keywords: Art. Deafness. Meaningful learning.

Introdução

A arte representa uma profunda relação do homem com o mundo e, além de seu papel social (unindo o eu individual à coletividade, bem como escrevendo a história da humanidade), atua como um canal simbólico, através do qual o sujeito expressa sua realidade interior. Atualmente, a saúde e a educação tendem a considerar, numa visão holística, o indivíduo como sujeito desejante, no qual as estruturas psíquicas, físicas e emocionais se encontram intrinsecamente relacionadas, gerando a subjetividade do ser humano.

Em adição, traçando um paralelo com a faculdade humana chamada linguagem, é possível percebermos a influência desta também sobre o próprio sujeito, visto que é através do uso pragmático da linguagem que podemos nos comunicar com nossos semelhantes assumindo, deste modo, nossa posição no mundo. E, estando o processo de aquisição e de desenvolvimento da linguagem estreitamente ligados à audição, podemos pensar nas consequências provocadas pela surdez no que diz respeito ao desenvolvimento global, ao processo de aprendizagem e às relações sociais. Isto porque se a linguagem, é permeada pelo universo simbólico, ao passo que é importante na elaboração dos conteúdos inconscientes, é possível descrever os efeitos gerados por uma perda

auditiva, tanto no que diz respeito à estruturação do eu individual, quanto ao processo de comunicação junto à família, à escola e aos demais grupos sociais.

Por conseguinte, a linguagem da arte é infinita porque, por meio da expressão criativa, é capaz de apontar a visão que o sujeito tem acerca de si mesmo, bem como a postura que assume no mundo, o que nada mais é do que a subjetividade humana. Na busca da descoberta consciente de sua identidade psicológica, o indivíduo pode encontrar na Arte um caminho para tal processo de reflexão, promovendo a reorganização interna e a mudança pessoal.

Neste caminho, o objetivo deste estudo é apresentar, a partir de um levantamento bibliográfico, como a linguagem da arte pode ser utilizada em contextos escolares junto a alunos com surdez.

Portanto, temos como objetivos específicos conceituar a arte enquanto recurso educacional, definir linguagem e suas implicações no desenvolvimento humano, dizer o que é surdez, apresentando sua etiologia e suas principais consequências para a aquisição da linguagem e para os aspectos socioeducacionais (em especial, as dificuldades encontradas por ele mesmo, pela família e pela escola durante o processo de comunicação); citar a contribuição da arte no trabalho pedagógico com o surdo, proporcionando-lhe, ao ter suas potencialidades e tempo próprio de aprendizagem respeitados, a transformação de sua vida pelas imagens.

Vislumbramos que, ao final, possamos fornecer informações úteis a respeito da contribuição da arte no trabalho pedagógico com o surdo, na superação de limites e no desenvolvimento de suas próprias potencialidades.

Metodologia

Diante de tal elucidação apresentada anteriormente, ao longo deste corpus empreenderemos uma análise bibliográfica sobre a importância dos processos de comunicação, os tipos de surdez e, por fim, sobre a real contribuição da Arte junto ao aluno surdo, isto é, quanto à descoberta de si mesmo e, consequentemente, quanto ao aprimoramento dos mecanismos de linguagem e ao alcance de uma aprendizagem significativa.

Um pouco sobre arte

A arte na escola proporciona ao aluno se expressar de forma livre e com intencionalidade, o que é extremamente importante para seu desenvolvimento global (Dall'Asen; Pieczkowski, 2022).

Para Oliveira e Garcez (2012), a obra de arte expressa um pensamento, uma visão de mundo de acordo com a sensibilidade do artista que a criou. O artista pode se expressar através da música (som), da literatura (linguagem verbal ou escrita), da pintura, desenho ou escultura (imagem visual), pela dança (linguagem corporal), dentre outras manifestações. Na realidade, tudo ao nosso redor pode ser considerado como arte. Logo, esta possui múltiplas funções na sociedade, pois é capaz de explicar a evolução da história do homem ou, simplesmente, demonstrar a emoção de um artista.

Atualmente, tanto as áreas da educação quanto a da saúde buscam considerar o homem como um sujeito no qual as estruturas psíquicas, físicas e emocionais estão intrinsecamente relacionadas, considerando esse sujeito como biopsicossocial. Trata-se da subjetividade do ser humano, que o favorece na descoberta de si mesmo, ao mesmo tempo que o revela ao outro e ao mundo. Por conseguinte, dentre os recursos existentes para tentar se apreender o universo simbólico (lembrando que símbolo é um conceito ou uma imagem portadora de conteúdo simbólico, transcendendo a realidade), temos o trabalho com o uso da arte (conjunto de ações coordenadas, sistematizadas e integradas entre si para a execução de uma tarefa, na qual se busca o estado de aperfeiçoamento). Através das expressões criativas, realizadas por meios plásticos ou de performance corporal, o universo de cada pessoa pode ser explorado em suas dimensões caóticas ou nos seus estados de desordem e confusão mental, possibilitando à mesma manifestar sua posição pessoal de estar no mundo, bem como se transformar plenamente. Além disso, a expressão artística produzida neste contexto, por não depender de aprovação externa, é a mola principal para o registro do percurso de autoconhecimento. Os autores ainda ressaltam que, para Carl Jung, o inconsciente cria conteúdos novos, mas

também guarda alguns dos quais a consciência gostaria de se libertar. Então, a criação pelas imagens possibilita uma reorganização criativa e uma reflexão acerca de si mesmo.

Posto isso, a Arteterapia, como recurso terapêutico ou de intervenção, pode auxiliar o indivíduo a chegar à consciência acerca de acontecimentos psíquicos até então ocultos no inconsciente. É importante mencionar que a Arteterapia, sob o nome Arte-Educação pode ainda ser aplicada na área educacional, integrando o aprendizado emocional ao cultural, minimizando então, os problemas de aprendizagem existentes e/ou de tratamento das dificuldades de aprendizagem existentes (Urrutigaray, 2023).

É possível perceber que, deste modo, a prática da Arteterapia/Arte-Educação não é mera utilização de técnicas expressivas, mas sim o veículo pelo qual as imagens geradas são o guia para o surgimento dos símbolos pessoais, fornecendo suportes para criações que retratem os múltiplos estágios da psique, realizando a comunicação entre o inconsciente e o consciente (Christo; Silva, 2006).

A partir das elucidações acima podemos dizer que, para Reyes (*in Ciornay, org., 2005*), a linguagem da arte é ilimitada, pois não é descriptiva, e sim, expressiva, manifestando a postura do homem diante da vida e do mundo podendo, inclusive, apontar a experiência universal da consciência humana. Em virtude disso, o profissional que aplicará a técnica deve estar sempre disponível, exercitando continuamente sua capacidade de auto-observação, autoconhecimento e respeito próprio, para então favorecer o crescimento daquele que o procura.

É imperioso lembrar que, de acordo com Quinto de Andrade (2000), as primeiras pesquisas a respeito do uso da arte na Psiquiatria remontam ao fim do século XIX. Em 1876, Max Simon, médico psiquiátrico, classificou as patologias de acordo com as produções artísticas obtidas; em 1888, um advogado criminalista de nome Lombroso fez análises psicopatológicas dos desenhos de doentes mentais, a fim de classificar doenças; outros autores europeus também se interessaram pelas expressões artísticas de enfermos mentais, como Morselli (em 1894), Julio Dantas (em 1900), Fursac (em 1906) e Ferri (final do século XXI

e início do século XX); em 1906, Mohr comparou trabalhos realizados por pacientes mentais, pessoas normais e artistas célebres; no início do século, Prinzhorn fez uma comparação entre os desenhos de doentes mentais e as diversas escolas artísticas, como as impressionistas, as expressionistas e as surrealistas.

Dentre outros estudos de aplicação da arte, o autor também destaca Sigmund Freud que, ao se dedicar à escrita de artistas e suas obras, observou que o inconsciente se manifesta através de imagens, correspondendo a uma comunicação impregnada de simbolismo, porém com função catártica, sendo a criação artística fruto de um processo de sublimação, isto é, o impulso criador seria resultante de desejos sexuais e agressivos sublimados (é importante salientarmos aqui que, para Freud, a conexão entre a imagem e o real era a palavra). Finalmente, na década de 20, Carl Jung começou a utilizar a arte como recurso de intervenção. Pedindo a seus clientes que fizessem desenhos ou representações de imagens oníricas e/ou de situações conflitivas, observou símbolos e estudou diversas culturas e mitologias; chegando a aspectos comuns, criou o conceito de arquétipo (as imagens procedem de um material localizado num espaço hipotético - inconsciente coletivo, principalmente de seus conteúdos).

No Brasil, destaque para o trabalho da psiquiatra Nise da Silveira, que ao invés de se referir a ele como Arteterapia, preferia a denominação Emoção de Lidar (sugestão de um paciente seu), devido a sua preocupação de que o termo arte poderia eliciar uma preocupação extremamente estética, o que fugiria de seu objetivo primordial: a transformação do sujeito. Pesquisando sobre o universo mental dos pacientes internados do Centro Psiquiátrico Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, encontrou respostas na teoria junguiana, aplicando-as nas oficinas de trabalho da seção de Terapia Ocupacional. Por meio de seu trabalho, denunciou o tratamento injusto e ineficaz até o momento realizado, propondo uma nova concepção de reabilitação através da arte.

Neste ponto, ao compreendermos um pouco sobre a arte e sua aplicabilidade, vamos nos ater a falar sobre a função cognitiva denominada

linguagem, para percebermos que ela se interliga à necessidade de manifestação humana dos pensamentos e das emoções.

Linguagem e perdas auditivas: implicações no desenvolvimento humano

Os primeiros anos de vida da criança são tidos como os mais importantes para o desenvolvimento das habilidades de linguagem, período em que o adulto (e, então, acrescentamos a família como um ambiente facilitador) tem papel de suma importância na estimulação linguística e interacional.

Carvalho, Lemos e Goulart (2016) destacam que há diferenças individuais, tanto no processo de aquisição quanto na velocidade e qualidade dos mecanismos de linguagem. Esse desenvolvimento é, pois, complexo e depende de fatores tais como maturação neuropsicológica, afetividade, desenvolvimento cognitivo e contextos sociais.

A definição de linguagem é complexa e seus significados são variados. Neste sentido, a comunicação acontece a partir de códigos, como a língua, que origina a fala do sujeito. Quanto a isto, Etto e Carlos (2018) esclarecem que, para Ferdinand de Saussure, considerado o pai da Linguística, a língua é como um contrato firmado entre os membros de uma comunidade, que possuem um acervo linguístico similar.

Nos primeiros anos de vida a criança é capaz de dominar um sistema linguístico idêntico àquele empregado pelos adultos que se encontram ao seu redor. Contudo, para que o desenvolvimento da linguagem falada se processe de fato, são necessárias três sequências de desenvolvimento. Primeiramente, temos o desenvolvimento da capacidade de receber, identificar e manipular as características do mundo que nos cerca, o que constitui a fase de recepção dos estímulos sensoriais (em especial, os visuais, os auditivos e os cinestésicos) sob o comando do sistema nervoso central. Após a maturação do sistema receptivo, há a prontidão para que o processo expressivo se estabeleça (que corresponde justamente à interpretação dos sons linguísticos que a criança ouve em seu ambiente). Para tanto, são utilizados processos muito complexos tais como a memória, organização no tempo e no espaço, análise-síntese, figura-fundo, além das experiências emocionais. Por fim, ocorre a emissão, que é o

desenvolvimento da capacidade de produzir sons, cuja etapa envolve uma atividade motora, a habilidade fonoarticulatória, comandada pelo sistema nervoso central. Sendo assim, percebemos que, inicialmente, o ser humano possui apenas uma audição reflexa, que será inibida a partir das experiências auditivas adquiridas no relacionamento interpessoal (Russo; Santos, 2009).

Canning (*in* Pueschel, org., 2009) nos lembra que o nascimento de uma criança é um evento muito importante na vida familiar. Isto porque os pais passam nove meses imaginando e idealizando seu filho, bem como será a dinâmica da família após sua chegada. Entretanto, se o recém-nascido apresenta algum tipo de deficiência, seus pais viverão, a princípio, momentos de dúvidas e incertezas quanto ao futuro do mesmo, momentos esses que serão superados com a convivência e com a descoberta de que, apesar de haver uma deficiência, tal criança é um sujeito em potencial.

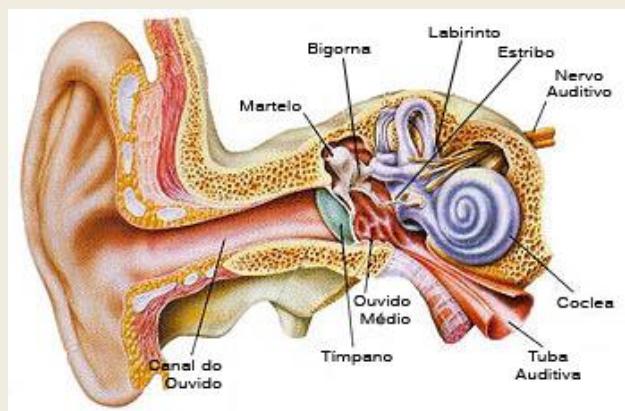
Nesse sentido, se vivemos num mundo sonoro feito para ouvintes, sendo o som a fonte principal de conteúdo simbólico e determinante na modificação do comportamento humano de forma concreta ou abstrata, o ser humano depende da informação acústica desde a vida intrauterina, tanto para sua sobrevivência física quanto psíquica. Portanto, caso haja uma perda de audição, todo o seu desenvolvimento, a dinâmica familiar, a interação social, a aprendizagem e a vida adulta, estarão prejudicados. De acordo com Russo e Santos (2009), como principais consequências decorrentes de uma perda auditiva (observando as características da perda existente e se, principalmente, a detecção da perda não ocorrer o mais precocemente possível) podemos observar os seguintes problemas: perceptual, de fala, na comunicação, cognitivo, social, familiar e socioeconômico.

Em outras palavras, colocando-nos em contato com o mundo que nos cerca, o sentido da audição se encontra claramente envolvido em todo o desenvolvimento fonético do indivíduo, tanto na aprendizagem quanto na modulação e posterior controle, com a audição de nossa própria voz. De acordo ainda com Russo e Santos (2009), a estreita relação entre a audição e o desenvolvimento da linguagem no ser humano faz com que seja necessário um diagnóstico precoce, a fim de que, através do acompanhamento específico

(realização de avaliações auditivas e posterior assistência terapêutica - dentre elas, a intervenção fonoaudiológica), seja possível minimizar e/ou anular os efeitos funestos provocados pela ausência de estimulação auditiva sobre a função da linguagem, proporcionando melhores condições para o desenvolvimento global do sujeito.

Vale a pena frisar que o mais baixo murmurúrio que podemos ouvir possui apenas cerca de um milionésimo de energia sonora da voz falada normal, o que demonstra a extrema sensitividade do ouvido para a detecção do som. O som é uma série de ondas de compressão repetidas, que trafegam pelo ar com uma velocidade de uma milha a cada 5 segundos (321.8 metros por segundo). Quando essas ondas atingem a membrana timpânica, esta vibra com as ondas. A parte central da membrana timpânica está ligada a três alavancas ósseas, os ossículos auditivos, que conduzem as vibrações para a orelha interna. (Guyton; Hall, 2017). Deste modo, a fim de conhecermos melhor a estrutura interna que faz parte do processo de audição, vejamos a figura abaixo:

Figura 1: Como escutamos?



Fonte: <https://www.neurinoma.org.br/como-escutamos/>

Baseado na figura apresentada fica-nos mais claro compreender o caminho percorrido pelo som. Sendo assim, de acordo com Russo e Behlau (1993), podem ser identificados os seguintes elementos da percepção auditiva:

detecção - ocorre quando pelo menos um dos componentes tonais encontra-se na faixa de frequência entre 20 e 20.000 Hz e apresenta amplitude suficiente para provocar um efeito significativo nos modelos de estimulação elétrica do nervo auditivo, sendo este o limiar de audição, o som mais fraco que o ouvido humano pode detectar; **sensação sonora** - é a impressão subjetiva deixada pelo estímulo sonoro; **discriminação** - corresponde ao processo de diferenciação dos sons acusticamente similares, mas com frequência, duração e/ou intensidade diferentes; **localização** - permite o estabelecimento da origem da fonte sonora a partir das diferenças interaurais de tempo, fase e intensidade dos estímulos sonoros que atingem os dois ouvidos; **reconhecimento** - é a identificação correta dos dados sensoriais, com base em experiências anteriores; **compreensão** - ocorre quando interpretamos uma nova combinação de modelos sonoros; **atenção** - é o mecanismo de se tomar decisões e executá-las por meio de informações captadas pelos órgãos sensoriais, envolvendo a monitoração do sinal acústico; **memória** - refere-se à capacidade de reter, armazenar e evocar informações recebidas.

Portanto, deve haver integridade tanto a nível periférico quanto central para que a identificação dos sons do ambiente, a percepção da fala e o desenvolvimento da linguagem ocorram sem alguma interferência que prejudique esses processos.

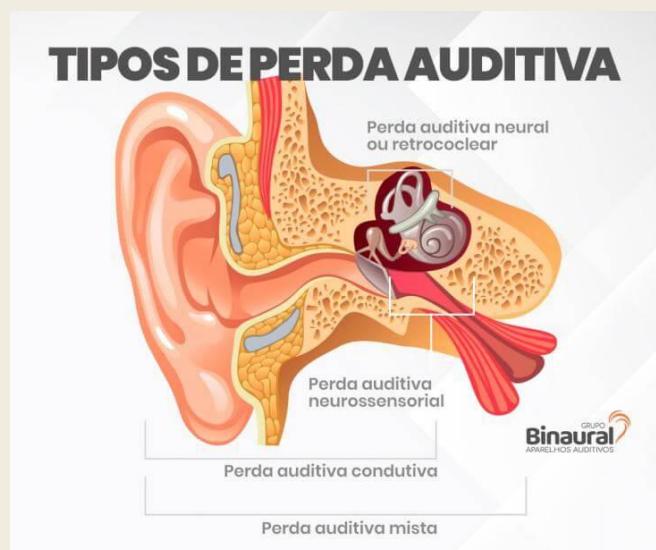
Nos adultos, todas as estratégias contextuais de interpretação da fala já estão plenamente desenvolvidas. Na verdade, um adulto não precisa ouvir todos os sons para captar o conceito que está sendo dito. A fala pode ser distorcida e interrompida e ainda assim, ser entendida pelo adulto. Mas uma criança que começa a interpretar a fala e a linguagem, precisa ouvir bem distintamente para desenvolver estratégias necessárias à habilidade adulta. O parâmetro mínimo de 25 dB tem sido aceito há muitos anos como indicador de deficiência auditiva em adultos, baseando-se na compreensão da fala. Frente a isso, o mesmo critério não poderia ser utilizado em crianças, já que depende das necessidades para a fala nas várias idades (Northern; Downs, 2005).

Quando pensamos em surdez várias indagações surgem ao mesmo tempo. Nos últimos tempos, surgiram novas terminologias acerca das temáticas que

envolvem a surdez e as pessoas surdas. De acordo com Paes e Ozório (2021), atualmente a ênfase se encontra na diferença e não na deficiência, tendo em vista que a surdez não é visualizada como algo a ser curado, conforme sugere o modelo clínico e terapêutico, que visa à reabilitação das pessoas surdas para torná-las aptas a ouvir.

As perdas auditivas podem ser classificadas, dependendo do aspecto a ser considerado, em perdas auditivas quanto ao local, ao grau, ao momento em que ocorrem e à origem do problema. Deficiências auditivas congênitas são aquelas que acontecem antes ou durante o nascimento e deficiências auditivas adquiridas, aquelas que acontecem após o nascimento. Em adição, de acordo com o fator hereditariedade, as perdas auditivas podem ser classificadas em perdas de origem hereditária e de origem não hereditária. A fim de elucidarmos melhor o exposto, vejamos uma imagem que ilustra os três tipos de perda auditiva existentes, caracterizados pelo envolvimento de diferentes porções do sistema auditivo: a perda condutiva, que atinge o ouvido externo e/ou médio; a perda neurosensorial, que atinge o ouvido interno; e a perda auditiva mista, que atinge ouvido externo e/ou médio e a orelha interna.

Figura 2: Conheça os 4 tipos de perda auditiva



Fonte:<https://www.binaural.com.br/blog/perda-auditiva/tipos-de-perda-auditiva-e-causas/>

Quanto à classificação do grau da perda auditiva, o Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia³ apresenta o proposto por Lloyd e Kaplan, em 1978:

Quadro 1: Classificação do grau da perda auditiva

Média tonal de 500Hz, 1 kHz e 2 kHz	Denominação	Habilidade para ouvir a fala
≤ 25 dB NA	Audição normal	Nenhuma dificuldade significativa
26 – 40 dB NA	Perda auditiva de grau leve	Dificuldade com fala fraca ou distante
41 – 55 dB NA	Perda auditiva de grau moderado	Dificuldade com fala em nível de conversação
41 – 55 dB NA	Perda auditiva de grau moderado	Dificuldade com fala em nível de conversação
56 – 70 dB NA	Perda auditiva de grau moderadamente severo	A fala deve ser forte; Dificuldade para conversação em grupo
71 – 90 dB NA	Perda auditiva de grau severo	Dificuldade com fala intensa; entende somente fala gritada ou amplificada
≥ 91 dB NA	Perda auditiva de grau profundo	Pode não entender nem a fala amplificada; depende da leitura labial

Fonte: Elaborado pelas autoras, de acordo com Guia de orientação na avaliação audiológica, de autoria do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia.

³ Para maiores esclarecimentos acesse o Guia de orientação na avaliação audiológica, de autoria do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia, que está disponível em https://www.fonoaudiologia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/CFFa_Manual_Audiologia-1.pdf

De acordo com Russo e Santos (2009), dentre as principais consequências decorrentes de uma perda auditiva temos:

- a) **Problema perceptual:** o mecanismo de alerta e defesa pode estar prejudicado por não ser capaz de identificar objetos ou eventos pelos sons que produzem.
- b) **Problema de fala:** a criança tem dificuldade em associar os movimentos de seus mecanismos fonoarticulatórios aos sons resultantes.
- c) **Problema na comunicação:** o surdo poderá não aprender a língua oral e, por esta razão, transmitir seus pensamentos às outras pessoas por meio de gestos e demais ações concretas, gerando assim, um prejuízo na conversação, já que os ouvintes terão dificuldade em entendê-lo.
- d) **Problema cognitivo:** a criança, ao adquirir a linguagem falada, acessa o mundo a partir do pensamento do outro e das ideias abstratas; a criança deficiente auditiva aprende sobre o mundo apenas através de situações concretas.
- e) **Problema social:** dificuldade em desenvolver atitudes adequadas perante os outros, em especial, por não perceber aspectos da paralinguagem, ou seja, fatores suprasegmentais da fala, como por exemplo, a mudança no tom da voz pode significar o estado emocional do falante.
- f) **Problema emocional:** por problemas na comunicação que fazem a criança não entender outro e, ao mesmo tempo, não ser compreendida pelo interlocutor, podem surgir sentimentos de frustração, agressividade, além de uma autoimagem negativa.
- g) **Problema educacional:** muitas das vezes as escolas não estão preparadas para receber um aluno surdo.
- h) **Problema intelectual:** embora não possua nenhum déficit cognitivo (a não ser que haja outros comprometimentos associados), a criança apresenta dificuldades na competência da linguagem e no conhecimento geral; por conseguinte, provavelmente atingirá a idade adulta com restrições para o mercado de trabalho.

i) **Problema familiar:** as reações instintivas dos pais cujo filho tem dificuldades em desenvolver a linguagem verbal é deixar de estimulá-lo, não falando com ele. Então, há um comprometimento não somente do desenvolvimento global como também da integração socioemocional da criança.

j) **Problema socioeconômico:** a necessidade do uso de aparelho de amplificação sonora, sua manutenção e o trabalho especializado necessário geram problemas econômicos sérios; além disso, poderá encontrar obstáculos em seu processo de inclusão social.⁴

Após tudo o que já foi apresentado anteriormente, agora podemos discorrer sobre como a Arte pode colaborar no trabalho pedagógico com o aluno surdo.

Arte e surdez

De fato, tem sido um grande desafio para a educação incluir os alunos surdos em virtude das suas especificidades linguísticas e da dificuldade do professor para atuar com esse perfil de alunado (Carvalho; Lemos; Goulart, 2016). Coutinho (2013) nos indaga que, quando levamos em conta, em termos de educação, que a arte não é um meio de entretenimento, mas sim um instrumento de cidadania, precisamos verificar o que fazer para evitar que a educação inclusiva se torne uma prática de segregação e/ou estigmatização, reforçando no indivíduo o sentimento de falta ou de não pertencimento àquele determinado grupo social, já que ainda não está preparada para oferecer à pessoa com deficiência condições reais para seu desenvolvimento pleno. Frente a isso, é preciso haver sempre uma preocupação redobrada quanto aos recursos e metodologias a serem empregados, bem como à existência de profissionais especializados. E, neste caminho, a arte pode atuar como uma excelente fonte

⁴ A Lei 8.213, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências, representou um importante avanço na inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Conforme a legislação, em seu Art.93, as proporções para empregar pessoas com deficiência variam de acordo com a quantidade de funcionários. Até 200 empregados, a reserva legal é de 2%; de 201 a 500, de 3%; de 501 a 1.000, de 4%. As empresas com mais de 1.001 empregados devem reservar 5% das vagas para esse grupo.

didática, a fim de que a escolarização e o desenvolvimento como um todo se deem de modo prazeroso, respeitando o tempo e as necessidades de cada sujeito.

Se conseguirmos perceber o fazer arte como uma atividade que obedece a um tempo próprio e oferece resultados que jamais poderão ser padronizados, e se focalizarmos com especial atenção o processo de criação, mais até do que o produto final, começaremos a compreender o quanto pode ser estimulante para todo o grupo (especiais e ditos normais) a experiência com os materiais criativos. De forma natural, agradável e pessoal, a criança aprende a controlar seus movimentos, amplia a consciência de seu próprio corpo e de suas vontades. [...] Se não for julgada ou submetida a comparações, a criança pouco a pouco se encorajará a aumentar seus limites, experimentar mais, arriscar. Aprenderá que existem formas de comunicação que vão além das palavras e podem ser tão ou mais autênticas do que estas (Coutinho, 2013, p. 117).

Urrutigaray (2023) nos diz, seguindo a mesma linha de pensamento que, como instrumento educativo, a arte atua em atividades preventivas tanto no âmbito psicopedagógico (oferecendo uma integração entre a arte e a cognição) quanto no contexto de ressignificações de atitudes pessoais, cabendo ao sistema educativo inserir em seu projeto político-pedagógico práticas expressivas transdisciplinares que integrem o aprendizado emocional ao aprendizado de conhecimentos específicos.

Para Moura e Vieira (*in Pavone; Rafaeli, orgs., 2008*), o espaço destinado para se trabalhar com o surdo, seja ele escolar ou clínico, não serve apenas para a execução de determinadas técnicas, mas sim, para trabalhar a construção de uma identidade, que é única e transferível. Na mesma corrente, Urrutigaray (2023) nos sugere que, no âmbito escolar, o objetivo da atividade a ser realizada deve se pautar no desenvolvimento do potencial criativo e produtivo como elemento resultante da formação de estruturas psíquicas superiores, tais como a organização das ideias, a compreensão da causalidade, dentre outras. Além disso, a aquisição de novos conhecimentos por meio das experiências pessoais desperta o valor da autoestima, porque pode se chegar ao reconhecimento das próprias habilidades pessoais.

Como já foi mencionado anteriormente, existem inúmeras possibilidades para o ser humano exercitar sua criatividade e que, portanto, através do uso da arte, as imagens construídas pelo sujeito lhe possibilitam chegar ao conhecimento de si mesmo. Neste momento, apresentaremos um pouco das atividades e dos recursos que podem ser usados no processo de estimulação pedagógica da linguagem e da aprendizagem junto a alunos surdos.

Porém, antes de iniciarmos esta parte, é importante salientar o que Reys (*in Ciornay.org.*, 2005) apresenta como questões para os educadores, para os pais e para os terapeutas de crianças sem ou com algum tipo de deficiência:

Será que a escola que temos hoje está preparada para acolher essas crianças e a maneira pela qual elas lidam com os processos de aprendizagem? Será que os pais estão atentos aos seus filhos, respeitando sua individualidade e permitindo que vivam os próprios processos? Será que nós terapeutas procuramos estar conscientes de nossos clientes, indo ao encontro de seu mundo interno? (Reys, 2005, *in Ciornay.org.*, 2005, p.114).

Para Moura e Vieira o espaço destinado para se trabalhar com o surdo, seja ele escolar ou clínico, não serve apenas para a execução de determinadas técnicas, mas sim para trabalhar a construção de uma identidade, que é única e transferível (*in Pavone; Rafaeli, orgs.*, 2008).

Vejamos então, por fim, o que Urrutigaray (2023) nos informa a respeito do emprego dos materiais plásticos, que os professores também podem utilizar em sala de aula, especialmente junto a alunos com surdez:

a) **Material seco:** Correspondem às modalidades de lápis, pastéis, canetas hidrográficas, gizes de cera etc., que são elementos de fácil manuseio e controle, o que reforça a sensação de bem-estar e equilíbrio; a partir dos grafismos sugeridos, podem-se obter aspectos indicativos de estados emocionais internos.

Figura 3: Desenho e pintura com lápis de cor



Fonte: https://media.istockphoto.com/id/1055085434/pt/foto/little-girls-hand-painting-on-the-white-paper-with-pink-pencil-color-pencils-on-the-wooden.jpg?s=1024x1024&w=is&k=20&c=FHaaHtIGSIN_iWI0_h9dM11jtWBSolgJ9YoO7QsyFmQ=

b) **Tintas:** Por se tratar de um material fluido, é ótimo para manifestar emoções; pode-se, portanto, experimentar afetos, aumentando o autoconhecimento.

Figura 4: Pintura a óleo



Fonte: https://img.freepik.com/fotos-gratis/pintura-sobre-tela-com-acrilico_114579-12240.jpg?t=st=1738002952~exp=1738006552~hmac=9b02451dd36ca5e9d3c7d35cce7a7427038950b72fa1ae5a0fc097fd45fe938&w=740

c) **Materiais tridimensionais:** Esculpir significa, por exemplo, cortar e gravar, ato que é capaz de captar a essência de estados interiores, que são transpostos para o material; como recursos temos a massa de modelar, a argila e as sucatas.

Figura 5: Materiais produzidos com sucata

Fonte: <https://s1.static.brasilescola.uol.com.br/be/conteudo/images/brinquedos-feitos-com-sucata.jpg>

d) **Colagem:** Propicia uma certa simulação de conteúdos psíquicos, pois o sujeito acredita que as imagens por ele escolhidas não têm uma relação direta consigo mesmo, o que será negado após o processo de reflexão sobre a obra produzida.

Figura 6: Trabalho com colagem

Fonte: <https://terapiapelaarte.com/pensando-sobre-a-colagem-na-arte-e-na-arteterapia/>

Coutinho (2013) também nos cita o trabalho que pode ser feito a partir do uso de fantoches ou de materiais recicláveis (sucata) ou ainda, de máscaras. Com relação ao primeiro material, a mesma nos afirma que é rica a atividade de escolher fantoches já prontos, permitindo emergir sensações interiores da

criança. Além disso, reaproveitando materiais que, a princípio, iriam para o lixo, o sujeito pode ser levado a perceber que, frente a uma situação caótica, pode surgir uma solução plausível. Por fim, ao colocar uma máscara e aparentemente se ocultar, a criança pode permitir um descarramento de suas emoções e de seus comportamentos, os quais não podem ser revelados quando seu rosto se encontra exposto.

Para finalizarmos, vejamos as colocações oferecidas por Christo e Silva (2006) no que diz respeito à pintura, ao desenho e ao trabalho com papéis diversos.

- a) A pintura nos possibilita olhar a nós mesmos e a tudo o que nos cerca de uma nova maneira, para algo que estava escondido em nosso inconsciente. Na realidade, é o meio mais eficaz para flexibilizar nosso pensamento, retirando as vendas em nosso olhar e deixando a energia psíquica fluir.
- b) Desenhar não é simplesmente fazer uma cópia da realidade. Desenhar é deixar que os traços sobre o papel tragam à tona sentimentos guardados; é desmontar uma imagem em unidades de movimento para a seguir, construir uma nova simbolização.
- c) Quando nos envolvemos com papéis, logo percebemos que se trata de um material que oferece várias possibilidades de trabalho, já que pode ser dobrado, amassado, pintado, colado etc.
- d) Por sua vez, a colagem é uma forma do indivíduo trocar de papéis, recolher ou constituir estruturas que favorecem bons resultados, pois a unidade somente funciona com a articulação de todas as partes envolvidas no processo e assim, articulando pequenos pedaços, podemos reconhecer nossa dimensão total e nossa multiplicidade.

Resultados e discussão

Neste momento, a partir das informações analisadas nesta pesquisa bibliográfica, podemos verificar que ao pintar, modelar ou desenhar, a criança possui múltiplas possibilidades criativas, o que aguçá todos os sentidos, levando ao conhecimento de sua própria identidade e ao profundo conhecimento de si mesma. Certamente, através do manuseio dos materiais plásticos e da consequente produção individual, o processo de aprendizagem escolar, por meio da estimulação das habilidades cognitivas e perceptivas em paralelo, será favorecido.

Em outras palavras, portanto, uma proposta pedagógica baseada nesses princípios junto ao aluno surdo pode contribuir significativamente para as melhorias que se fizerem necessárias, tanto na comunicação social como no processo de aprendizagem formal.

Considerações finais

Com alunos surdos o trabalho com arte pode propiciar não só o aumento das possibilidades simbólicas individuais, como também a elaboração de conteúdos inéditos imprescindíveis à aquisição da linguagem, responsável pela comunicação do homem com seus semelhantes, além da formulação de dados necessários para a superação de dificuldades na aprendizagem. Isso significa dizer que, na apreensão de seu próprio universo simbólico, através das expressões criativas por meio de recursos e técnicas plásticas, o aluno pode chegar a uma reorganização interna e ao autoconhecimento, levando a uma profunda mudança pessoal, ou seja, à descoberta de si mesmo. Logo a arte, integrando o aprendizado emocional ao cultural, minimizará também os problemas de aprendizagem existentes, seja de qual ordem for.

Pensando sob essa perspectiva reconhecemos que, de fato, a arte também enquanto ferramenta de ensino pode atuar para que o processo de escolarização e o desenvolvimento global aconteçam de modo significativo, respeitando as necessidades, as características e os desejos do aluno surdo. Em justaposição, contribui ainda para o pensamento abstrato e o pensamento lógico na produção

de um discurso comunicativo e linguístico pragmático, o aumento das possibilidades simbólicas individuais, a elaboração de conteúdos inéditos imprescindíveis à aquisição da linguagem e a formulação de dados necessários para a superação de dificuldades na aprendizagem.

Referências

ANDRADE, Liomar Quinto de. *Terapias expressivas: arteterapia, arteeducação e terapia-artística*. São Paulo: Vector, 2000.

CANNING, Claire D. De pais para pais. In: PUESCHEL, Siegfried M. (org.). *Síndrome de Down: guia para pais e educadores*. 14^a ed. São Paulo: Papirus, 2009.

CARVALHO, Amanda de Jesus, LEMOS, Stela Maris Aguiar Lemos; GOULART, Lúcia Maria Horta de Figueiredo. Desenvolvimento da linguagem e sua relação com comportamento social, ambientes familiar e escolar: revisão sistemática. *CoDAS* 28 (4), ago 2016.

CHRISTO, Edna Chagas & SILVA, Graça Maria Dias da. *Criatividade em arteterapia: pintando & desenhandando, recortando, colando & dobrando*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

COUTINHO, Vanessa. *Arteterapia com crianças*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

DALL'ASEN, Taise & PIECKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. Surdez, identidade e diferença. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. 2, p. 1129–1147, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17i2.14593. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14593>. Acesso em: 23 ago. 2024.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A língua e a linguagem em três perspectivas. *Portal de Periódicos UFSM. Linguagens & Cidadania*, v. 20, jan./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5902/1516849232314>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/1>. Acesso em: 27 jan 2025.

GUYTON, Arthur C.; HALL, John. *Tratado de fisiologia médica*. 13^a ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

MENDONÇA, Joyce da Silva Cruz de et al.. Surdez e educação inclusiva: um desafio contemporâneo. *Anais V CONEDU*. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/49056>>. Acesso em: 23/08/2024.

MOURA, Maria Cecília de; VIEIRA, Maria Inês. *Língua de sinais - a clínica e a escola - de quem é esse território?* In: PAVONE, Sandra e RAFAELI, Yone Maria (orgs.). *Audição, voz e linguagem: a clínica e o sujeito*. São Paulo: Cortez, 2008.

NARBONA, Juan; FERNÀNDEZ, S. *Fundamentos neurobiológicos do desenvolvimento da linguagem*. In: CHEVRIE-MULLER, Claude & NARBONA, Juan (orgs.). *A linguagem da criança: aspectos normais e patológicos*. Biblioteca Setorial do Centro Ciências da Saúde – CCS, 2002. Disponível em <https://app.bczm.ufrn.br/home/#/item/120952>. Acesso em 05 set. 2024.

NORTHEN, Jerry; DOWNS, Marion. *Audição na infância*. 5^a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

OLIVEIRA, Jô; GARCEZ, Lucília. *Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais*. 23^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

PAES, Paulo Cesar Duarte; OZORIO, Jusimara Clara. Arte na escola: objetivação e liberdade. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 17, 2021.

REYES, Selma. *Para além da fonoaudiologia: a cor e a emoção da linguagem*. In: CIORNAI, Selma (org.). *Percursos em arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde*. São Paulo: Summus, 2005.

RUSSO, Ieda Pacheco; BEHLAU, V. S. *Percepção da fala: análise acústica do português brasileiro*. São Paulo: Lovise, 1993.

RUSSO, Ieda; SANTOS, Teresa M. Momensohn. A prática da audiolgia clínica. 4^a ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Audiologia infantil*. 4^a ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia. Guia de orientação na avaliação audiológica. Disponível em https://www.fonoaudiologia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/CFFa_Manual_Audiologia-1.pdf. Acesso em 05 set.2024.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. *Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens*. Digitaliza Conteúdo, 2023. ISBN 8578545974, 9788578545970.